



IRACEMA E MACUNAÍMA: UM DIÁLOGO ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E IDENTIDADE NACIONAL

Maria Aparecida de Souza Moura, Maria Lidiana Silva, Maria do Socorro Souza Silva, Roniê
Rodrigues da Silva

RESUMO

Este trabalho trata-se de um artigo que objetiva apresentar um estudo acerca da construção da identidade nacional no Romantismo e no Modernismo, estabelecendo uma leitura comparativa entre as obras *Iracema* de José de Alencar e *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* do autor Mário de Andrade. Entre as muitas possibilidades de se estudar o texto literário, este estudo se deteve a tratar do campo temático da identidade nacional, buscando verificar como a busca pelo ideário nacional aparece materializada nas duas narrativas, considerando os contextos de sua produção. O trabalho traz inicialmente a análise da narrativa *Iracema*, nesse espaço procuramos mostrar como o romancista José de Alencar fez para representar os símbolos nacionais em meio ao contexto de pós-independência. Em seguida procuramos mostrar através da obra modernista, como Mário de Andrade utilizou recursos para criar o personagem Macunaíma e o cenário da narrativa, enfatizando a identidade nacional e a quebra com os padrões estabelecidos pela estética da tradição. Nesta segunda parte do estudo tentamos aproximar as duas narrativas com o intuito de reafirmar o já dito sobre como a identidade nacional se fez presente no Romantismo e no Modernismo. Preferimos ainda agregar os princípios teóricos aos do texto literário no momento oportuno das discussões, sem a realização tópicos exclusivamente teóricos, pois julgamos coerente partir do próprio texto literário e teorizar segundo a necessidade. Percebemos que as duas narrativas representam bem a busca pela identidade nacional, porém seus autores realizam esse feito de forma distinta, ou seja, em *Iracema* temos a representação do nativo de uma forma divergente daquela encontrada em *Macunaíma*. Essas divergências podem ser melhor evidenciadas durante as discussões a seguir, as quais forma realizadas a luz de Zilá Bernd (1992) e Antônio Candido (2000), principalmente.

PALAVRAS-CHAVE: identidade nacional, *Iracema*, *Macunaíma*.

ABSTRACT

This work deals with an article that aims to present a study on the construction of national identity in the romanticism and modernism, establishing a comparative reading between the works of José de Alencar, *Iracema* and *Macunaíma, the hero without a character* of author Mário de Andrade. Among the many possibilities of studying the literary text, this study stopped dealing with the theme of national identity field, seeking to check the search for

national ideals embodied pops up in both narratives, considering your production contexts. The work brings the narrative analysis initially *Iracema*, in that we seek to show how the novelist José de Alencar did to represent the national symbols in the post-independence context. Then we seek to show through the modernist work, as Mário de Andrade used resources to create the character Macunaíma and the setting of the narrative, emphasizing national identity and breaking with the standards set by the aesthetics of tradition. In this second part of the study we tried to bring the two narratives in order to reaffirm the already said about how national identity was present in the romanticism and modernism. We prefer to still add the theoretical principles to the literary text in due course of the discussions, without exclusively theoretical topics, because we judge consistent from own literary text and theorize according to need. We realize that the two narratives represent well the search for national identity, but its authors perform this done differently, that is, we have the representation of the *Iracema* native to a divergent form of that found in *Macunaíma*. These differences could be better highlighted during the discussions below, which form the light of Zilá Bernd (1992) and Antonio Candido (2000).

KEYWORDS: national identity, *Iracema*, *Macunaíma*.

INTRODUÇÃO

A relação entre a literatura e a representação da identidade nacional tem sido bastante recorrente nas letras nacionais, seja no texto lírico, mas principalmente na prosa em que se observa fortemente uma associação entre Nação e narração. Tal associação está posta nas discussões de Ricardo Ferreira Amaral no seu trabalho intitulado “A reinvenção da pátria: a identidade nacional em *Os sertões* e *Macunaíma*”; em “O duplo e a falta: construção do Outro e a identidade nacional na Literatura Brasileira” de Ettore Finazzi-Agró. Do ponto de vista da crítica literária, essa também tem sido uma vertente muito estudada ao longo de nossa formação cultural, quando o crítico busca examinar como se desenvolve esse campo temático das identidades no texto ficcional.

Dessa forma como podemos perceber através do texto literário a representação e busca pela identidade nacional? Partindo da ideia da formulação de uma identidade nacional coletiva, pretendemos neste espaço discutir sobre a identidade nacional tendo como pano de fundo duas obras literárias, uma produzida no contexto do Romantismo (1836), *Iracema* de José de Alencar, e outra escrita no período do Modernismo (1922), a rapsódia de Mário de Andrade, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Nos movimentos literários aqui mencionados emerge um projeto de escritura que buscava representar as cores nacionais através do texto literário.

Para tanto, José de Alencar e Mário de Andrade tomam a figura do índio como protagonistas de ambas as narrativas, mas o fazem de forma distinta, conforme pretendemos

mostrar. A escolha dos contextos do Romantismo e do Modernismo para discorrer a respeito do tema da identidade nacional se justifica porque nesses dois momentos essa relação aparece de forma mais evidente como destaca o crítico Antônio Candido (2000) ao afirmar que em nossa literatura.

A representação do índio no Romantismo (1836): A idealização do aborígene

A busca pela identidade nacional no Romantismo presente na figura do índio, em particular na “virgem dos lábios de mel”, *Iracema*, tem sido criticada por alguns estudiosos, pois para eles, José de Alencar desconstruiu a figura do nativo, traçando um perfil inventado do índio brasileiro, muito mais parecido com o personagem europeu, conforme assinala o crítico: “Na nossa cultura há uma ambiguidade fundamental: a de sermos um povo latino, de herança cultural europeia, mas etnicamente mestiço, situado no trópico, influenciado por culturas primitivas, americanas e africanas”. (CANDIDO, 2000, p.120). Para o crítico nos movimentos literários abordados aqui (Romantismo e Modernismo), ocorre um diálogo que integra às produções aspectos próprios do Brasil, a que ele denomina de “localismo” e ainda são incorporadas características formais provenientes de outras culturais, denominado por Candido de “cosmopolitismo”. Em ambos os contextos literários essa dialética ocorre, porém, há divergências em relação a maneira como as produções literárias de cada momento incorporam o “dado local e o cosmopolita”.

Em *Iracema*, o dado local se manifesta dentre outras formas na presença da figura do *bom selvagem*, como mostra o romance alencariano ao descrever respectivamente as destrezas da filha de Araquém, os hábitos na nação tabajara e o guerreiro Caubi, irmão de Iracema: “Mais rápida que a ema selvagem, a morena corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara” “[...] Já o povo selvagem colhe as redes na grande taba e caminha para o banho”. [...] O guerreiro Caubi é um grande caçador de montes e florestas. (ALENCAR, 2005, p. 10 - 13 - 19). Todavia, essa representação vai sendo delineada por um olhar que não corresponde a nossa realidade, visto que tanto o lugar como o personagem indígena vão sendo descritos de maneira idealizada.

A imagem do bom selvagem como recurso próprio da escrita indianista de José de Alencar é discutida por Zilá Bernd, ela menciona sobre a obra: “que ela se constrói com um alto grau de adesão à convenção dominante, não apenas em termos de Literatura Brasileira como também em termos de literatura europeia, cujas marcas fundamentais – utilização do

mito do “bom sauvage”, entre outras formas de representação. (BERND, 1992, p.39). A autora pontua alguns recursos utilizados por Alencar os quais vem sendo apresentados neste estudo, a presença do índio com o mito do bom selvagem é um desses artificios, o índio diante da presença do colonizador é pacífico e hospitaleiro, o que torna visível a forte influência do europeu na escrita alencariana, assim o cosmopolitismo manifesta-se por meio dessa construção idealizada dos nativos e da paisagem. Assim, tomar ao índio como protagonista da narrativa Alencar mostra a influência do dado local, porém o aspecto cosmopolita sobressai em cenas em que os personagens trazem traços físicos próprios de povos que não condizem com os do povo de origem.

Ao apresentar a fauna e flora do território brasileiro, Alencar também ressalta a identidade nacional por meio do “localismo”. Em *Iracema*, a figura do índio tem alguns dos traços discutidos por Antônio Candido, como por exemplo, a idealização tanto da própria índia como da paisagem, conforme mostra o trecho. “Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba; verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros. Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa [...]”. (ALENCAR, 2005, p.09).

Mesmo sabendo que a paisagem brasileira tinha e tem seus atributos, é visível o quanto Alencar idealizou o cenário de sua narrativa, isso por ser uma obra romântica que caracteriza-se por apresentar os personagens e os ambientes com um tom singelo, em que algumas vezes precisava-se ocultar aspectos negativos do lugar. Ainda sobre a idealização da nação e do personagem local, há em *Iracema* uma diversidade de elementos típicos das florestas brasileiras, sendo eles animais e plantas que geralmente são apresentados metaforicamente, ou seja, Alencar utiliza a fauna e flora brasileira para fazer alusão às características peculiares da índia. Isso pode ser visto nos trechos a seguir: “Cedendo a meiga pressão, a virgem reclinou-se ao peito do guerreiro, e ficou ali trêmula e palpitante como a tímida perdiz, quando o terno companheiro lhe arrufa com o bico a macia penugem. [...] – Juriti quando a árvore seca, foge do ninho em que nasceu [...]”. (ALENCAR, 2005, p. 16 – 18).

Podemos perceber nas passagens ilustradas que ocorre uma fusão entre a representação da natureza selvagem e a virgem dos lábios de mel, esses aspectos revelam a tentativa de mergulho no detalhe brasileiro, uma busca pela identidade nacional. Porém há certo distanciamento da realidade, as características da terra e dos seus habitantes nativos parecem estar sob influência do dado cosmopolita, podemos assim dizer que em *Iracema* temos uma visão inventada do índio. “Assim Alencar descreve a nação dos tabajaras como um lugar

paradisiaco, onde os homens são “generosos”, as virgens têm “os lábios de mel”, os guerreiros são destemidos, as areias das praias são doces e os rios fornecem abundante pesca”. (BERND, 1992, p.39).

Sobre a ocultação dos aspectos do dado local na literatura, Candido (2000) denomina de “recalque”, ou seja, deixar de revelar aspectos próprios de determinado povo ou da própria geografia do espaço, para poder dar a narrativa o tom sublime. Zilá Bernd trata dessa mesma temática, porém fazendo menção por meio do termo “sacralização”. Para ela nas obras indianistas de José de Alencar o que temos é uma função sacralizante da literatura, ela diz: “No Brasil, o Romantismo realizou uma revolução estética que, querendo dar à literatura brasileira o caráter de literatura nacional, agiu como força sacralizante “que seria própria de uma consciência ainda ingênua” (Glissant, 1981, p.192 (BERND, 1992, p.18).

A autora traz uma reflexão relevante ao tratar da visão inventada ou idealizada do índio, porém ela ressalta que a intenção do Romantismo era propiciar a nossa literatura uma autonomia, mas como ainda tratava-se de uma atitude “ingênua”, isso não ocorreu conforme previsto. Conforme vamos percebendo pela leitura do romance alencariano, a tentativa de trazer a figura do nativo para as narrativas foi feita de uma forma que ainda privilegiava alguns caracteres europeus em detrimento dos nacionais, o que também pode ser visto no índio Peri (*O Guarani*, José de Alencar), que traz traços tipicamente europeizados.

Sobre essa caracterização idealizada ressaltamos outro trecho da narrativa em que se observa a personagem Iracema descrita como, “[...] a virgem dos olhos azuis, dos cabelos do sol guarda para seu guerreiro na taba dos brancos o mel da açucena”. (ALENCAR, 2005, p.18). Os olhos azuis da virgem é uma evidência do dado cosmopolita que ainda permanecia no Romantismo, mesmo diante da busca pela autonomia cultural e política ainda prevalece marcas de uma cultura predominante, que no caso do Brasil trata-se de Portugal, o país colonizador que por muitos anos dominou o território brasileiro. Ao longo de todo o texto de José de Alencar, a “sacralização” ou “recalque” é perceptível na descrição da personagem, em seus atos e principalmente no envolvimento com o homem branco, Martim, representante fiel da presença do colonizador europeu nas terras brasileiras. Quanto as características físicas da índia, vejamos outra passagem em que se pode evidenciar o que estamos demonstrando: “Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, mais longos que seu talhe de palmeira [...]”. (ALENCAR, 2005, p.09).

É evidente na transcrição o quanto José de Alencar evocou características excepcionais para descrever a filha de Araquém. Durante a leitura da narrativa é possível que elaboremos

mentalmente a réplica autêntica de uma índia endeusada, ou seja, com traços divinos, diferente daquela imagem que temos do índio brasileiro, o que observamos é uma nativa com aspectos diferenciados. A guerreira de Tupã ficou conhecida na literatura como uma das heroínas do romance brasileiro, a figura indígena no Romantismo tinha um caráter voltado para o heroico, como enfatiza Bernd (1992, p.37) dizendo que o índio como símbolo da nacionalidade criada desde o século XVIII é retomada por José de Alencar em *Iracema*.

Nessa perspectiva, temos em *Iracema* a tentativa de criação de um símbolo nacional, de uma heroína que empresta sua cognominação para tal designação, inclusive pelo fato de o nome da personagem ser anagrama de América, continente em que se passa a narrativa. Podemos assim crer que a função sacralizante configura-se na escrita indianista de José de Alencar, por produzir “uma literatura que se atribui a missão de articular o projeto nacional, de fazer emergir os mitos fundadores de uma comunidade e de recuperar sua memória coletiva, passa a exercer a função sacralizante, unificadora, tendendo ao MESMO¹” (BERND, 1992, p.17).

Como forma de evidenciar a presente atuação do fator europeu em *Iracema* podemos citar o envolvimento da guerreira com o homem branco, o que conduziu ao abandono da sua gente e a busca do grande amor, gerando aproximação de outra religião e cultura ao povo tabajara, representantes da identidade nacional na obra. Iracema era guerreira de Tupã, guardiã do segredo da jurema, isso impossibilitava o envolvimento dela com qualquer guerreiro da tribo. Ao longo da narrativa ficamos sabendo que a virgem sempre respeitou e aceitou seu destino, porém a chegada do homem branco mudou essa história, Iracema não demorou muito para entregar-se de corpo e alma à Martim, após uma noite de amor, logo pela manhã, “as águas do rio banharam o corpo casto da recente esposa. Tupã já não tinha sua virgem na terra dos tabajaras” (ALENCAR, 2005, p.31).

O que pode ser visto a partir da aproximação entre Iracema e Martim, não é apenas uma história de amor, mas sim a influência da religião cristã e cultura europeia em detrimento à do povo indígena, pois é perceptível na obra que Martim não adere aos costumes tabajaras, mas Iracema passa a viver com o homem branco afastando-se da sua cultura de origem. Zilá Bernd ressalta que esse processo de aproximação entre o branco e o índio no Brasil, bem mostrado em *Iracema*, ocasionou um processo de perda da cultura própria brasileira, afastando o nativo da sua verdadeira identidade: “Na conclusão, o dialogo de culturas estabelecimento entre colonizados (*Iracema*, Poti, Araquém, etc) e o colonizador (Martim) dá

¹ O termo MESMO oposto ao DIVERSO corresponde à construção de uma identidade voltada para a função sacralizante, diz respeito a uma realidade particular e não coletiva, sem aberturas para outras culturas.

origem a um processo recíproco de desculturação (perda da cultura de origem)”. (BERND, 1992, p.41).

A predominância do europeu colonizador em relação a nação tabajara, revela que a identidade nacional em *Iracema* ainda estava sob uma visão “inocente” da realidade, a morte da índia após dar à luz ao primeiro habitante brasileiro mestiço, seu filho Moacir, é uma prova disso: “Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu como a jetica que lhe arrancam o bulbo [...]. O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça? ” (ALENCAR, 2005, p. 56). A morte de Iracema pode ser lida metaforicamente como a morte/fim da religião e cultura do povo tabajara e assimilação da religião cristã e dos costumes do europeu.

Ainda sobre a identidade nacional em *Iracema* há na obra uma evidência pertinente acerca da predominância do dado cosmopolita na obra, pois Alencar distancia a narrativa do plano sentimental passando a enfatizar o cultural, o que pode ser vislumbrado com o retorno de Martim às terras brasileiras para iniciar o processo de catequização e colonização: “Muitos guerreiros de sua raça acompanharam o chefe branco, para fundar, para com ele a mairi dos cristãos. Veio também um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para plantar a cruz na terra selvagem [...]”. (ALENCAR, 2005, p.57). Esse último trecho representa uma evidência pertinente para a configuração do dado cosmopolita em detrimento do local.

A representação do índio no Modernismo (1928): O desrecalque do localismo

Doravante passaremos a tratar da representação da identidade nacional em *Macunaíma*, nessa obra o cenário também mostra imagens tipicamente brasileiras, além do emprego de vários vocábulos e ditos populares da nossa língua, de costumes, crenças, festividades, lendas, todas essas peculiaridades ilustradas na rapsódia têm suas origens no povo negro, índio ou branco. Diante disso passaremos a mostrar como o processo dialético entre o dado local e o cosmopolita manifestou-se no Modernismo, o que será percebido através das cenas da rapsódia selecionadas por este estudo.

Em *Macunaíma* estas marcas do localismo são enfatizadas e tratadas com indícios na realidade brasileira, pois no Modernismo há o rompimento com as tendências anteriores que priorizavam a apresentação “recalcada” do índio, ou “ocultação” do negro. A partir daquele instante ambos passam a ser abordados nas obras apresentando suas particularidades, é o que Antônio Candido chama de “desrecalque do localismo”, ou seja, no Modernismo não seria necessário “esconder” as características consideradas negativas do lugar e dos personagens,

ao contrário, eles eram mostrados como realmente são, para assim poder construir a identidade nacional partindo do próprio povo brasileiro.

Na rapsódia de Mário de Andrade o desrecalque do localismo aparece na representação do nativo brasileiro, primeiramente na própria forma física do personagem, bem como nas suas ações no decorrer da história. Foi possível notar que Iracema foi descrita por Alencar com muitas qualidades, e as imperfeições que possivelmente tivesse foram recalçadas, já Macunaíma é apresentado com todos os atributos, até mesmo aqueles que pudessem ser motivos de vergonha para o povo brasileiro. Apesar de ser apresentado como “o herói da nossa gente”, Macunaíma era uma “criança feia”, que fazia “coisas de sarapantar”. Ao contrário de Iracema que era dotada de coragem e de uma beleza singular, ele quando resolveu falar, diz: “Ai! que preguiça!...”. (ANDRADE, 2016, p.07).

São evidentes os traços de distinção entre a figura do índio no Romantismo e no Modernismo. O segundo movimento pode ser considerado como o apogeu da construção da identidade nacional por meio de obras literárias, nesse contexto a abordagem iniciada lá no Romantismo ganhou proporções maiores passando a consolidar uma explicação mais sólida acerca da origem do nosso povo. Sobre a representação da identidade nacional no Modernismo Zilá Bernd (1992, p.47) destaca que é no Modernismo que o intuito de elaborar uma narrativa que represente o povo brasileiro e sua cultura miscigenada torna-se real através da obra Macunaíma.

Em *Macunaíma* não temos a apresentação de uma etnia em detrimento da outra, temos a união, no herói fundem-se às características do índio, do negro e do branco. Ele agrega todos os caracteres, oscilando entre um e outro. Ao nascer ele é índio e negro, durante as aventuras com Sofará transforma-se em um “príncipe lindo”, durante a ida para São Paulo ele e seus “manos” banham-se na água mágica, e acontece algo inesperado, digno de um conto maravilhoso: “[...]. Quando o herói saiu do banho estava brando loiro e de olhos azuizinhos, [...] por mais que Jiguê se esfregasse [...] só conseguiu ficar mameluco [...] e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos tapanhumas. [...] os três manos um loiro um vermelho e outro negro”. (ANDRADE, 2016, p.28). A representação do povo brasileiro está bem ilustrada na transcrição, as três raças que deram origem a nossa nação aparecem configuradas em Macunaíma e seus irmãos. Quanto a predominância de uma sob a outra, isso não é visível, a mestiçagem ocorre por ocorrência do destino, como algo casual, e não com o propósito de demonstrar a soberania de uma etnia diante da outra. Nosso herói mesmo tendo ficado branco, permanece fiel aos valores de sua tribo, não assimila a religião e nem a cultura do branco, apesar de não inferiorizá-la.

Em *Macunaíma* temos a quebra com a hegemonia proposta no Romantismo, “a criação de Mário de Andrade surge como um contra discurso a esta consistência hegemônica que vinha se firmando ao longo de nossa história”. (BERND, 1992, p.47). Essa ruptura ocorre devido a própria necessidade do Modernismo de trazer reflexões novas, de aproximar do brasileiro a independência cultural que sempre buscou. Sobre a desagregação de alguns aspectos do Romantismo, Antônio Candido enfatiza que o Modernismo traz à tona traços de nossa cultura que vinham sendo ocultados: “O nosso Modernismo importa essencialmente, em sua fase heroica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária” (CANDIDO, 2000, p.119).

Assim como fizemos na discussão sobre *Iracema*, passemos a discutir sobre a representação do cenário na narrativa modernista. Mário de Andrade evoca uma paisagem também natural para sua rapsódia, porém há um diferencial, a maior parte das cenas não ocorrem nesse ambiente selvagem, mas sim na metrópole São Paulo. É no espaço urbanizado que o herói realiza a maioria das suas destrezas. Somente os capítulos iniciais (I, II, III e IV) são narrados na mata e no final da narrativa, (a partir do capítulo XV) é que regressam para o local de origem.

Ao longo da narrativa, há uma subtração dos espaços naturais e aumento do espaço urbanizado, reflexo da própria necessidade de modernização do século XX. Sobre esse fato a crítica assinala: “Os espaços paradisíacos evocados por Alencar para situar *Iracema*, são subtraídos no texto de Mário de Andrade, num flagrante ato, típico do Modernismo, de destruição dos modelos ritualizados, que são substituídos por outros caracterizados basicamente pela inversão parodística”. (BERND, 1992, p.48).

Nesse pensar há um distanciamento entre o cenário das narrativas que estamos estudando, já que em *Iracema* o cenário é natural, idealizado, sublime e belo, e em *Macunaíma*, apesar de termos a presença do ambiente natural, o território não é apresentado de forma tão exaltada como no Romantismo e ainda predominam as cenas no espaço “civilizado”. Para ilustrar os dois ambientes representados na rapsódia, vejamos: “No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma [...] Quando chegaram a São Paulo [...] foi morar numa pensão junto com os manos”. (ANDRADE, 2016, p. 07, 27, 30). Podemos perceber que o desrecalque das características brasileiras ocorre tanto no que tange a própria figura dos sujeitos inferiorizados como também das reservas brasileiras. Sobre isso Antônio Candido destaca que foi com *Macunaíma* que Mário de Andrade uniu lendas, índios, ditados populares, obscenidades, estereótipos entre outras particularidades apontadas pelo crítico.

É no Modernismo que a identidade nacional ganha um estado maior e mais significativo devido o aparecimento de elementos pertencentes à nossa cultura os quais a hegemonia europeia insistia em recalcar, mas os idealizadores do movimento modernista, ao contrário, se obstinaram em desrecalcar. A presença de tais fatores mencionados pelo crítico deu às obras modernistas o privilégio de serem consideradas como a consolidação do propósito do ideário nacional proposto em movimentos literários anteriores.

Na discussão anterior sobre a obra de José de Alencar, destacamos que os aspectos da cultura do colonizador europeu acabaram se sobrepondo aos do nativo, o que não ocorre no movimento modernista, visto que em *Macunaíma* é verificável uma hibridização de costumes como ocorre, por exemplo, com as questões de religião. No princípio o herói mostra-se respeitoso aos rituais indígenas que fazem parte de sua origem étnica, [...] frequentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacororô [...], todas essas danças religiosas da tribo”. No decorrer da obra vemos que ocorrem interferências de outras religiões, por exemplo quando nasce o filho de Macunaíma e vêm as “mulatas da Baía, do Recife, do Rio Grande do Norte e da Paraíba [...] em todos os pastoris de Natal” para festejar o nascimento de seu filho. Isso leva-nos a perceber marcas da religião cristã na rapsódia, pois como sabemos o pastoril é uma festa que tem sua origem no nascimento de Cristo. A rapsódia também traz ritos africanos, quando Macunaíma participa de uma macumba, “a macumba se rezava lá no Mangue no zungu da tia Ciata”. (ANDRADE, 2016, p.07- 19 - 43).

Ressaltamos que esses foram recortes selecionados por este estudo, mas que a narrativa está repleta de cenas que revelam o cruzamento de manifestações religiosas. Conforme revelam os trechos mencionados, não há a predominância de uma religião em relação a outra como é possível perceber em *Iracema*. Na rapsódia, o herói participa de todos os momentos em que as outras religiões (indígena, cristã e africana) são encenadas na obra sem mostrar desprezo por qualquer uma delas. O fato de em *Macunaíma* haver uma fusão cultural e religiosa sem eleger uma ou outra como predominante, conduz a discussão mais uma vez para a noção de recalque/desrecalque discutida por Antônio Candido, para ele: “[...] Sobretudo a descoberta de símbolos e alegorias densamente sugestivos, carregados de obscura irregularidade; a adesão franca aos elementos recalcados da nossa civilização, como o negro, o mestiço, o filho de imigrantes, o gosto vistoso do povo, a ingenuidade, a malandrice [...]”. (CANDIDO, 2000, p.122).

As características do Modernismo apresentadas pelo crítico reforçam a discussão que vem sendo delineada acerca de uma busca pela identidade nacional partindo daqueles componentes que estavam a margem de uma tradição literária, sendo eles o negro, o índio e

outros elencados por Candido. Acrescentamos ainda que em *Macunaíma* o desrecalque do localismo marcado pela própria figura de um herói híbrido, dinâmico, multifacetado que é apresentado na imagem de um índio negro que assimila aspectos do homem branco, revela que é realmente através da fusão de tudo isso que podemos encontrar-se enquanto brasileiros.

Voltamos a traçar comentários acerca de como a dialética do local e do cosmopolita constrói-se no Modernismo, lembrando que no Romantismo ela foi mostrada tomando como elemento do dado local a imagem do “bom selvagem”, o nativo recalçado e idealizado, e como elemento cosmopolita as influências principalmente de Portugal na forma e interferências da construção desses componentes.

No Modernismo o elemento local se revela como fator determinante na elaboração da identidade nacional, correspondendo a mais autêntica e inovadora manifestação artística, nesse contexto “os frutos madurecem (1930-40), fundiram-se a libertação do academismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário; as tendências de educação e política e reforma social; o ardor de conhecer o país”. (CANDIDO, 2000, p.124).

Portanto evidenciamos que o Romantismo e o Modernismo realmente podem ser considerados como contextos literários em que é possível estudar a tentativa ou construção da identidade nacional brasileira com mais possibilidades de elementos a serem analisados, isso por serem movimentos que abordam a figura do nativo segundo as determinações da época de sua conjuntura.

CONCLUSÃO

Neste estudo estivemos voltados para a identidade nacional buscando apresentar em duas narrativas a relação existente entre Nação e narração que conseqüentemente é resultante na incessante busca pelo ideário nacional. Ao procurar estabelecer um diálogo entre a rapsódia de Mário de Andrade e o romance *Iracema* procuramos mostrar tal relação que pôde ser retratada nas duas narrativas pela representação do índio como protagonista.

Em *Iracema*, notamos que o “dado local” é tratado de forma idealizada, distanciando a figura do bom selvagem da realidade. Notamos que tanto o nativo como a própria paisagem local foram retratadas de forma idealizada, o contexto Romântico necessitava “recalcar” as reais características, devido a influência de Portugal enquanto país colonizador do Brasil.

Segundo Candido (2000), em *Iracema* temos uma “ocultação” dos caracteres nacionais, o dado cosmopolita prevalece na imagem de uma índia europeizada e ainda na assimilação na religião cristã imposta aos nativos pelos colonizadores, marcado no romance

pela figura de Martim. Observamos haver em *Iracema* uma espécie de fusão entre a paisagem e a figura indígena, constituindo um recurso alencariano para representar aspectos de nossa cultura de maneira idealizada, pois no Romantismo já havia a busca por uma identidade propriamente nacional, porém esse objetivo não consolidou-se nesse contexto devido a fatores como a necessidade do Romantismo exaltar as belezas das terras pouco conhecidas, a própria localização geográfica no território brasileiro, a força de uma nação hegemônica que ainda mantinha seus reflexos em nossa cultura e literatura, fatores que ressoam nas obras do contexto romântico, não somente nas de José de Alencar.

Em *Macunaíma* o contexto do Modernismo dispunha de possibilidades para que a identidade nacional pudesse transparecer nas narrativas de forma “desrecalcada”, ou seja, o que temos na rapsódia é um índio com traços diversos, físicos e psicológicos. Percebemos que enquanto em *Iracema* há uma idealização da cultura brasileira, em *Macunaíma* ocorre diferente, ele agrega culturas diversas, todas sob o mesmo nível, em momento algum da narrativa ocorre a “desculturação”, pelo contrário há uma fusão de culturas como ocorre na construção do Brasil.

Percebemos ainda na rapsódia que o Brasil é bem representado pelo fato dela conter um cenário com imagens tipicamente brasileiras, além do emprego de vários vocábulos e ditos populares da nossa língua, de costumes, crenças, festividades, lendas, todas essas peculiaridades ilustradas na rapsódia têm suas origens no povo negro, índio ou branco.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: DCL, 2005.

AMARAL, Ricardo Ferreira do. **A reinvenção da pátria: a identidade nacional em *Os sertões* e *Macunaíma***. Ijuí: Unijuí, 2004.

ANDRADE, Mário. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Barueri: Ciranda Cultural, 2016.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. **O Duplo e a Falta. Construção do Outro e identidade nacional na Literatura Brasileira**. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada, 1991.

ZILÁ, Bernd. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRDS, 1992.

